

Complementos de verbos percetivos, causativos e de controlo de objeto em português europeu: dados da aquisição¹

Ana Lúcia Santos*, Anabela Gonçalves* e Nina Hyams**

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

&

**UCLA

als@letras.ulisboa.pt, a.goncalves@letras.ulisboa.pt, hyams@humnet.ucla.edu

Abstract

In this paper we explore the acquisition of complements to object control, perception and causative verbs in European Portuguese. We present an exploratory research on young children elicited production of these complement types. Taking perception and causatives as R(aising) t(o) O(bject) verbs, we will be able to investigate children's performance on raising and object control structures. The results show that both RtO and object control are avoided by pre-school children, who prefer less defective complements (which explains the low frequency of RtO structures) and structures with less theta-roles (which accounts for the problems in producing grammatical object control structures).

Keywords: acquisition, object control, raising to object, perception and causative verbs, object control verbs

Palavras-chave: aquisição, controlo de objeto, elevação para objeto, verbos percetivos e causativos, verbos de controlo de objeto

1. Introdução

A investigação sobre a forma como as crianças interpretam controlo em complementos infinitivos (Chomsky, 1969; McDaniel, Cairns & Hsu, 1991, entre outros) e compreendem movimento-A e elevação (Borer & Wexler, 1987; Hirsch, Orfitelli & Wexler, 2008; Orfitelli, 2012a, b; Becker, 2005, 2006; Kirby, 2011) tem conduzido a propostas nem sempre consensuais. Efetivamente, para alguns autores elevação (mas não controlo) é uma estrutura problemática para as crianças; para outros, elevação não coloca quaisquer problemas para a aquisição, sendo até defendido que esta construção corresponde à análise por defeito de verbos novos para a criança.

Com base em resultados de compreensão, Hirsch & Wexler (2007) e Hirsch, Orfitelli & Wexler (2008) defendem que a elevação é problemática para as crianças, embora se distanciem da proposta inicial de Borer & Wexler (1987), que consideram que qualquer estrutura que envolva movimento-A coloca problemas do ponto de vista da aquisição. Mais recentemente, Orfitelli (2012a, b) sugeriu que a compreensão de estruturas de elevação só é deficitária na presença de um experienciador, que causa um efeito de intervenção. Por sua vez, Landau & Thornton (2011), partindo de dados de produção (dados de diário de uma criança), analisam a aquisição dos complementos do verbo *want* e mostram que, com este verbo, elevação para objeto emerge mais tardiamente do que controlo (de sujeito).

¹ Este trabalho foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (PEst-OE/LIN/UI0214/2013), no âmbito do projeto *Complement Clauses in the Acquisition of Portuguese* (PTDC/CLE-LIN/120897/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Agradecemos a Celina Agostinho e a Aida Cardoso, que recolheram os dados, e ainda às crianças, pais e professores das escolas Jardim de Infância SASUL, Letrinhas e Colégio da Luz. Agradecemos, ainda, aos três revisores anónimos, cujos comentários enriqueceram a versão final do texto.

Numa perspetiva oposta, Becker (2005, 2006) defende que as crianças não só compreendem elevação como também podem analisar verbos de controlo como verbos de elevação. Na mesma linha, Kirby (2011) mostra que as crianças têm melhores desempenhos em estruturas de elevação do que em estruturas de controlo e sugere que a estrutura de elevação possa ser a que as crianças assumem por defeito.

Na verdade, os argumentos usados para defender qual das estruturas (elevação ou controlo) é adquirida em primeiro lugar exploram diferentes componentes do problema da aquisição das mesmas. A emergência mais tardia da elevação tem sido atribuída (i) ao facto de esta implicar movimento (e uma definição particular de fases), perspetiva presente nos trabalhos de Wexler e colegas, ou (ii) à defetividade do complemento dos verbos de elevação, que justificaria uma aquisição mais tardia. Este último aspeto é desenvolvido, em particular, em Landau & Thornton (2011), que defendem que as crianças começam por analisar o complemento do verbo *want* como um CP e que só produzem elevação para objeto quando são capazes de trancar esse CP.

Ao defender e tentar explicar a aquisição precoce das estruturas de elevação para objeto, Kirby (2011) considera uma componente distinta do problema: a estrutura argumental dos verbos. A autora considera que a preferência inicial pela construção de elevação se explica pelo facto de os verbos nela envolvidos terem associado um menor número de papéis temáticos do que os verbos de controlo, o que acarreta menores custos de processamento.

Neste trabalho, analisaremos a aquisição dos complementos dos verbos de controlo de objeto bem como dos verbos causativos e percetivos (que assumimos legitimarem elevação para objeto) em português europeu (PE). Apresentaremos os resultados de um estudo exploratório sobre as preferências de crianças em fases iniciais de aquisição, às quais foi aplicada uma tarefa de produção provocada. Tomando como ponto de partida as duas componentes do problema anteriormente enunciadas – defetividade do complemento e número de papéis temáticos –, mostraremos que os resultados obtidos só são explicáveis se tivermos ambas em consideração.

2. Verbos causativos e percetivos vs. Verbos de controlo de objeto

O teste desenvolvido no âmbito deste trabalho inclui complementos de verbos percetivos e causativos, bem como de verbos de controlo de objeto. Uma característica comum a todos estes verbos é a possibilidade de ocorrerem com um complemento de infinitivo não flexionado em que o DP classicamente associado à posição de sujeito alterna com um clítico acusativo que se associa ao verbo matriz (cf. (1) – (3)); vejam-se, para o português, Raposo (1989), Duarte (1993), Gonçalves (1999, 2002), Gonçalves & Duarte (2001).

- (1) A mãe viu-os / os miúdos comer bolos.
- (2) A mãe deixou-os / os miúdos comer bolos.
- (3) O Manel proibiu-os / os meninos de visitar a Maria.

Neste contexto, no entanto, verifica-se uma diferença importante entre os dois grupos de verbos: com os percetivos e os causativos, por um lado, o domínio infinitivo pode ser passivizado, mantendo-se o significado da ativa correspondente (cf. (4)); com os verbos de controlo de objeto, a passivização do referido domínio acarreta alteração do significado da ativa (cf. (5)). Esta diferença está na base da proposta de Rosenbaum (1967), de acordo com a qual o DP encaixado no contexto de verbos percetivos e causativos é gerado como sujeito do complemento infinitivo destes verbos.

- (4) a. Deixei / Vi o João convencer o Paulo.
b. Deixei / Vi o Paulo ser convencido pelo João. (= 4a)
- (5) a. Proibi o João de convencer o Paulo.
b. Proibi o Paulo de ser convencido pelo João. (≠ 5a)

Uma segunda propriedade comum aos verbos causativos e percetivos e aos verbos de controlo de objeto consiste na possibilidade de todos eles selecionarem também complementos de infinitivo

flexionado. Contudo, enquanto os percetivos e os causativos legitimam um DP nominativo neste tipo de estrutura, o DP que ocorre após os verbos de controlo de objeto é marcado como acusativo:

- (6) A mãe viu eles comerem bolos.
- (7) A mãe deixou eles comerem bolos.
- (8) O Manel proibiu-os / *eles de comerem bolos.

Estes dados revelam que, apesar de semelhanças superficiais, é possível considerar dois grupos diferentes de verbos: o dos verbos percetivos e causativos, e o dos verbos de controlo de objeto. Assim, estes últimos selecionam dois argumentos internos, um DP objeto e um complemento oracional não finito, em que podem ocorrer quer o infinitivo não flexionado (correspondendo à construção de controlo de objeto canónica, cf. (3)) quer o infinitivo flexionado (cf. (8)). Quanto aos verbos percetivos e causativos, apresentam um leque variado de complementos oracionais: finitos (com indicativo e conjuntivo, respetivamente, cf. (9)); de infinitivo flexionado (cf. (6) e (7)); de infinitivo não flexionado nas chamadas estruturas de ECM (cf. (1) e (2)); de infinitivo preposicionado, no caso dos verbos percetivos, na construção que Raposo (1989) designou como *Prepositional Infinitival Construction* (PIC, cf. (10)); predicados complexos (cf. (11)). Sobre estas estruturas, veja-se, para o português, Raposo (1989), Duarte (1993), Gonçalves (1999, 2002), Gonçalves & Duarte (2002), Barbosa & Cochofel (2005).

- (9) a. A mãe viu que a Maria lavou o carro.
b. A mãe deixou que a Maria lavasse o carro.
- (10) A mãe viu os miúdos a comer(em) o gelado.
- (11) a. A mãe viu saltar os miúdos.
b. A mãe deixou comer o gelado aos miúdos.

Neste trabalho, assumiremos que:

- (i) Os verbos de controlo selecionam dois argumentos internos, podendo o sujeito encaixado corresponder a PRO (no caso canónico de infinitivo não flexionado) ou a *pro*. Apresentamos em (12) a estrutura simplificada da construção de controlo de objeto.

(12) DP V [DP] [_{PP} *a/de*_{PREP} [_{CP/TP} PRO/*pro* VP]]

- (ii) Na construção de infinitivo preposicionado (PIC), dependente de verbos percetivos, o verbo matriz (perceptivo) seleciona uma oração pequena, cujo sujeito controla o sujeito do domínio infinitivo, como defendido por Barbosa & Cochofel (2005); nesta construção, *a* é um marcador aspetual, como proposto em Duarte (1993). A estrutura simplificada desta construção é a que se apresenta em (13).

(13) DP V [_{SC} DP [_{ASPP} *a*_{ASP} [_{CP/TP} PRO/*pro* VP]]

- (iii) Os complementos de infinitivo flexionado são domínios funcionais completos, de categoria CP ou, pelo menos, TP não defetivo (ver Duarte, Gonçalves & Santos, 2012; Gonçalves, Santos & Duarte, *in press*), como se representa, de forma simplificada, em (14).

(14) DP V [_{CP/TP_{n-def}} DP VP]

- (iv) Estruturas como as de (1) e (2), repetidas em (15) e (16), exemplificam a construção de elevação para objeto (Raising to Object), contrariamente a Chomsky (1981), que as considera casos de ECM.
- (15) A mãe viu-os / os miúdos comer bolos.
 (16) A mãe deixou-os / os miúdos comer bolos.

De acordo com Chomsky (1981), a característica fundamental das estruturas de ECM consiste na impossibilidade de o sujeito encaixado receber Caso internamente ao domínio a que pertence, sendo o verbo matriz o responsável pela sua marcação casual (acusativo), sem que, no entanto, o DP seja extraído do complemento infinitivo. Pelo contrário, Postal (1974), Lasnik & Saito (1991) e Chomsky (2008) defendem que o referido DP é movido para a posição de objeto relevante da frase matriz, a fim de receber / verificar o Caso, estrutura que designam por elevação para objeto.² O facto de a passivização do domínio encaixado nestas estruturas não alterar o significado da ativa tem sido usado como argumento a favor da ideia de que o DP que precede o infinitivo é gerado como sujeito da oração encaixada (Rosenbaum, 1967). A possibilidade de o DP encaixado ocorrer sob a forma de um pronome reflexo ligado pelo sujeito matriz ou de passivizar o domínio matriz com a promoção do DP encaixado à posição de sujeito tem sido usada pelos defensores de uma análise de (15) e (16) como elevação para objeto.³ Este tipo de discussão não poderá ser desenvolvido no presente artigo, no entanto fazemos notar que a impossibilidade de clivar a totalidade do complemento infinitivo dependente dos verbos em causa permite concluir que o DP terá sido extraído desse domínio (cf. (17)).

- (17) a. *[Os meninos comer bolos] é que a mãe viu.
 b. *[Os meninos comer bolos] é que a mãe deixou.

Neste sentido, assumiremos que a estrutura de frases como (15) e (16) é a que se representa simplifadamente em (18).

- (18) DP V [DP]_i [_{TP} ~~DP~~_i VP]

Tendo em conta as propriedades dos verbos percetivos, causativos e de controlo de objeto descritas acima e considerando a literatura sobre aquisição de controlo e de elevação, pretendemos responder, nas secções seguintes, às questões (i) a (iii):

- (i) Existe evidência a favor de elevação para objeto na produção de verbos causativos e percetivos pelas crianças portuguesas (cf. Kirby, 2011, por oposição a Hirsch & Wexler, 2007)?
 (ii) Verifica-se preferência das crianças portuguesas pela produção de complementos menos defetivos (ou seja, mais infinitivos flexionados do que elevação para objeto), na linha do que seria esperado de acordo com Landau & Thornton (2011)?
 (iii) As crianças portuguesas produzem estruturas de controlo de objeto?

² No quadro da Gramática Relacional, Raposo (1981) designa esta construção como “Elevação de Sujeito para Objeto”, o que o aproxima dos autores citados.

³ O teste da passivização do domínio matriz, caso em que o DP encaixado ocorre como sujeito da matriz, é problemático no caso dos verbos percetivos e causativos do PE, uma vez que, nesta língua, exemplos como (i) são agramaticais:

(i) *Eles foram vistos estudar pelo Manuel.

Note-se, contudo, que o mesmo acontece com alguns verbos do Inglês que têm sido analisados como verbos de elevação para objeto. Efetivamente, verbos do tipo de *believe* admitem a passiva, o que não acontece com verbos do tipo de *want*. Ainda assim, uma análise de elevação para objeto é assumida em ambos os casos (Postal, 1974; Landau & Thornton, 2011). Uma hipótese de explicação, que carece de desenvolvimento, é a de que os objetos que resultam de elevação têm características distintas dos objetos básicos, ou seja, características distintas dos constituintes que entram na numeração como objetos (Polinsky, 2013).

3. Metodologia

Neste trabalho, apresentamos os resultados de uma tarefa de produção provocada (completamento). Nesta tarefa, a criança ajuda um fantoche a completar aquilo que ele diz sobre uma história que foi representada por um experimentador. Foram testadas 58 crianças (ver tabela 1) e 24 adultos (alunos de licenciatura na Universidade de Lisboa, mas sem formação em linguística).

Tabela 1. Crianças

Grupo	Idade (Média)	Número
3	3;5 – 3;11 (3;8)	16
4	4;0 -4;11 (4;5)	21
5	5;0 – 5;10 (5;5)	21

O teste inclui cinco condições, apresentadas na tabela 2.

Tabela 2. Condições

Condição	Classe de verbos	Verbos	Complementos possíveis
1	Causativo	<i>mandar</i> <i>deixar</i>	Finita (conjuntivo) Infinitivo flexionado Elevação para objeto Predicado complexo
2	Percetivo	<i>ver</i>	Finita (indicativo) Infinitivo flexionado Elevação para objeto PIC Predicado complexo (apenas com verbos intransitivos ou inacusativos na encaixada)
3	Controlo de objeto	<i>ensinar a</i> <i>proibir de</i>	Controlo de objeto (com infinitivo não flexionado ou com infinitivo flexionado)
4	Controlo de sujeito (em contextos de controlo de sujeito)	<i>querer</i> <i>conseguir</i>	Controlo de sujeito (infinitivo não flexionado)
5	Controlo de sujeito (sujeito da matriz e sujeito da encaixada mantendo referência disjunta)	<i>querer</i> <i>conseguir</i>	Finita (conjuntivo)

Em (20) apresentamos exemplos de itens de teste. Em (20a) apresentamos um item de teste correspondente à condição 1, em (20b) um item de teste correspondente à condição 2, em (20c) um item correspondente à condição 3. Na figura 1, apresentamos o contexto que corresponde ao item em (20a). Em todos os itens de teste, o sujeito da encaixada ou o DP objeto (no caso de verbos de controlo de objeto) é plural, tornando necessariamente visível o contraste entre infinitivos flexionados e não flexionados.

(20)

a. Condição 1 – causativos

Polícia: O meu carro não anda, preciso da vossa ajuda.

Elefante grande: Eu sou grande e tenho muita força e os meus filhos são pequenos, mas também têm força.

Vá, tem de ser! Empurrem. Vá, lá.

Elefantes pequenos: Sim, pai, nós conseguimos.

Experimentador: O pai é que manda nos elefantezinhos.

Fantoches: **O pai mandou o quê? O pai...**

Respostas possíveis (esperadas):

a. *Elevação para objeto*

(O pai) mandou os elefantezinhos / mandou-os empurrar o carro.

b. *Predicado complexo*

(O pai) mandou empurrar o carro aos elefantezinhos.

c. *Oração de infinitivo flexionado*

(O pai) mandou os elefantezinhos / eles empurrarem o carro.

d. *Oração finita (conjuntivo)*

(O pai) mandou que os elefantezinhos / eles empurrassem o carro.



Figura 1 – Contexto do item em (20a)

b. Condição 2 – verbo percetivo na matriz

Situação: Há dois porcos que estão a empurrar um carrinho de compras. Um cão está de lado a observar o que está a acontecer.

Experimentador: O cão viu o que aconteceu. Os porcos...

Fantoches: **O que é que o cão viu? O cão...**

Respostas possíveis (esperadas):

a. *Elevação para objeto*

(O cão) viu os porcos / viu-os empurrar o carro de compras.

b. *PIC*

(O cão) viu os porcos / viu-os a empurrar(em) o carro de compras.

c. *Oração de infinitivo flexionado*

(O cão) viu os porcos / eles empurrarem o carro de compras.

d. *Oração finita (indicativo)*

(O cão) viu que os porcos empurraram o carro de compras.

c. Condição 3 – verbo de controlo de objeto

Elefantes pequenos: Oh, vá, nós queremos. É tão giro mergulhar.

Elefante grande (pai): Não, estão proibidos.

Experimentador: O pai proibiu.

Fantoches: **O que é que o pai fez? O pai...**

Respostas possíveis (esperadas):

a. *Controlo de objeto (infinitivo não flexionado)*

(O pai) proibiu os elefantes de mergulhar.

b. *Controlo de objeto (infinitivo flexionado)*

(O pai) proibiu os elefantes de mergulharem.

4. Resultados

Neste trabalho, centrar-nos-emos apenas nos resultados obtidos nas condições 1 a 3, referindo os resultados obtidos nas outras condições apenas quando isso se revelar relevante para a discussão. A figura 2 apresenta os resultados obtidos na condição 1 (verbo causativo na matriz).

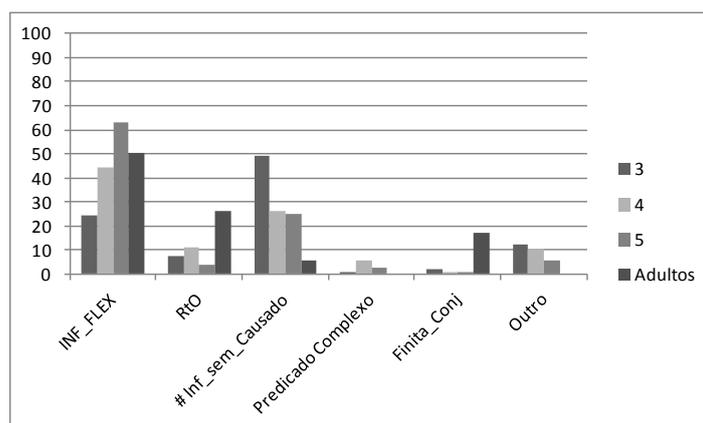


Figura 2 – Resultados na condição 1 (causativo na matriz)

Com exceção do grupo dos 3 anos, todos os grupos apresentam como resposta mais frequente na condição 1 um complemento que corresponde a uma oração de infinitivo flexionado (INF_FLEX no gráfico). O grupo dos 3 anos (e os outros grupos de crianças, em menor medida) produz(em) uma estrutura que não é totalmente adequada no contexto: um infinitivo sem Causado (# Inf_sem_Causado na figura), exemplificado de seguida. Este tipo de estrutura é possível na gramática adulta, tendo o sujeito nulo encaixado numa leitura arbitrária, que não é a leitura relevante no contexto. Alguns adultos no grupo de controlo produzem, de facto, também esta estrutura, no entanto, a proporção deste tipo de resposta nos adultos e nas crianças difere significativamente (Mann-Whitney, $U = 356.500$, $p < .001$).

(21) mandou dormir.

(3;9;09)

Tendo em conta as perguntas de investigação enunciadas no final da secção 2, devemos ainda destacar, na análise de resultados nesta condição, a baixa ocorrência de estruturas com elevação para objeto. Embora algumas crianças (incluindo crianças do grupo de 3 anos) a produzam, a proporção de elevação para objeto produzida pelas crianças e pelos adultos é significativamente diferente (Mann-Whitney, $U = 1,024.000$, $p < .001$). É ainda de notar que estruturas de predicado complexo são produzidas apenas residualmente e que as orações fintas, que neste caso exigiriam conjuntivo, são produzidas apenas pelo grupo de controlo. Finalmente, as respostas codificadas como *Outro* correspondem a casos em que a criança evitou a produção do verbo-alvo e usou em vez dele outro verbo (por exemplo, *mandar* substituído por *dizer para*), bem como a casos em que a criança usou o verbo-alvo, mas produziu estruturas marginalmente gramaticais que não contêm um complemento oracional.

A figura 3 apresenta os resultados obtidos na condição 2 (verbo percetivo na matriz).

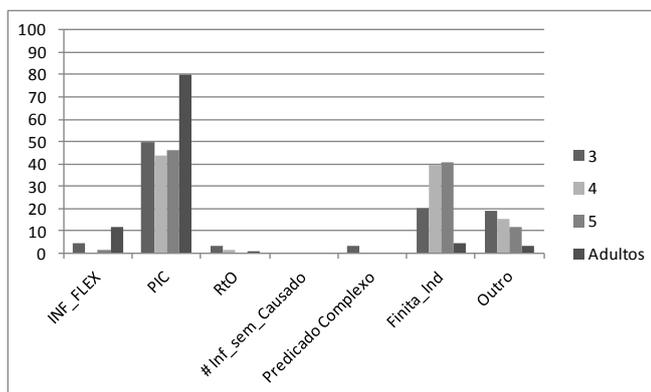


Figura 3 – Resultados na condição 2 (percetivo na matriz)

Nesta condição, os adultos usam maioritariamente estruturas de PIC, que inclui quer casos com infinitivo flexionado quer casos com infinitivo não flexionado. Esta é também a estrutura mais frequente nas respostas do grupo de 3 anos. No entanto, as respostas das crianças de 4 e 5 anos parecem dividir-se entre PIC e orações finitas de indicativo, uma estrutura residualmente produzida pelos adultos. Uma análise mais pormenorizada da distribuição das respostas das crianças de 4 e 5 anos revelou que a divisão entre PIC e orações completivas finitas é explicada por efeitos de sensibilidade à categoria *Aspetto*: os PIC são produzidos sobretudo com predicados atélicos e as orações finitas com predicados télicos, no que se revelou ser uma associação significativa ($p < .05$) – para discussão, veja-se Santos, Gonçalves & Hyams (em prep.). Finalmente, deve notar-se que elevação para objeto é raramente produzida por crianças e adultos.

Os resultados da condição 3, caso em que o verbo matriz é um verbo de controlo de objeto, são apresentados na figura 4.

COMPLEMENTOS DE VERBOS PERCETIVOS, CAUSATIVOS E DE CONTROLO DE OBJETO
EM PORTUGUÊS EUROPEU: DADOS DA AQUISIÇÃO

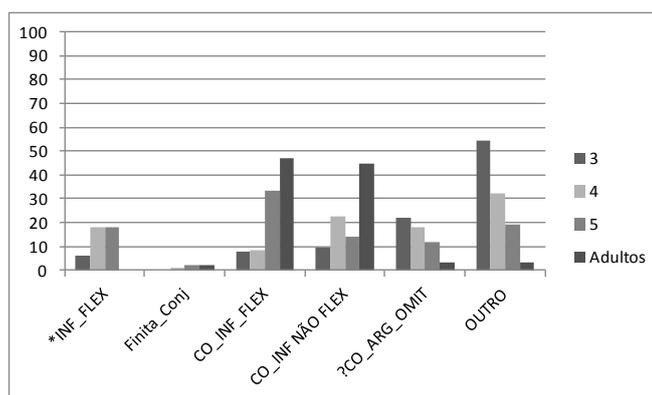


Figura 4 – Resultados na condição 3 (verbo de controlo de objeto)

Embora todos os grupos produzam controlo de objeto com infinitivo não flexionado (CO_INF NÃO FLEX), este tipo de estrutura ocorre mais frequentemente nas respostas dos adultos do que nas respostas das crianças (a diferença é significativa, Mann-Whitney, $U = 1,100.000$, $p < .001$). As respostas no grupo de controlo adulto dividem-se entre controlo de objeto com infinitivo não flexionado e controlo de objeto com infinitivo flexionado. Ambas as estruturas são produzidas pelos grupos de crianças, embora menos frequentemente. Na verdade, as baixas taxas de produção de controlo de objeto, nesta condição, contrastam com elevadas taxas de resposta alvo na condição 4, que visava obter estruturas de controlo de sujeito: nesse caso, as crianças produzem entre 75% (3 anos) e 86,9% (5 anos) de respostas conformes com o alvo. Além disso, as crianças não produzem controlo de sujeito na condição 5, caso em que esta estrutura não seria uma opção de acordo com a gramática adulta. A comparação dos resultados obtidos nestas três condições mostra que as crianças nestes estádios não têm problemas com controlo em geral, mas especificamente com estruturas de controlo de objeto.

Outro tipo de resultados na condição 3 pode ajudar a compreender de que forma a gramática das crianças difere da gramática adulta. Em primeiro lugar, as crianças produziram nesta condição um número relevante de estruturas em que um dos argumentos se encontra omitido (?CO_ARG_OMIT na figura). Nestes casos, quer o DP objeto quer o argumento interno oracional podem ser omitidos (veja-se (22) e (23)).

(22) ...ensinou a balançar. (3;8.23)

(23) ...ensinou os gatinhos. (3;11.04)

Mas talvez o resultado mais interessante que se obteve nesta condição tenha sido a produção de orações com infinitivo flexionado em que o DP objeto ocorre como sujeito desse infinitivo – estes casos, agramaticais de acordo com a gramática-alvo, são designados como *INF_FLEX na figura. Apresentamos de seguida alguns exemplos destes casos.

(24) a. ...ensinou [os gansos saltarem].
(4;5.12)

(vs. Ensinou os gansos a saltar(em))

b. (O pai) proibiu eles irem para o lago.
(5;6.12)

(vs. ... proibiu-os de irem para o lago.)

c. (O macaco) ensinou a eles irem para cima da mesa. (5;1,18)

(vs. ... ensinou-os a irem para cima da mesa.)

- d. (A mãe pata) proibiu **de** os patinhos irem ao pé do crocodilo. (5;1.0)
(vs. ... proibiu os patinhos **de** irem ao pé do crocodilo.)

5. Discussão

Os resultados aqui apresentados permitem-nos responder às perguntas enunciadas no final da secção 2. Em primeiro lugar, elevação para objeto é rara nas respostas das crianças quer na condição com verbos percetivos matriz quer na condição com verbos causativos matriz. Na verdade, as crianças produzem verbos de elevação para objeto mas não em estruturas de elevação para objeto, mostrando que conhecem o verbo mas evitam a estrutura. No caso dos verbos causativos, a escassa produção de elevação para objeto contrasta com a elevada frequência de orações de infinitivo flexionado. Uma oração de infinitivo flexionado é um CP ou, pelo menos, um TP não defetivo que permite verificar internamente todos os traços (traços-*phi*, caso) do DP sujeito, no que difere de uma estrutura de elevação para objeto ou de ECM. Assim, interpretamos a preferência por infinitivos flexionados em detrimento de estruturas de elevação para objeto como uma preferência inicial por complementos funcionalmente completos, i.e. CP ou TP não defetivo, que permitam a verificação interna de todos os traços, incluindo os traços do sujeito encaixado.

Note-se, aliás, que os infinitivos sem causado realizado (exemplo (21)), que as crianças produzem nesta condição, podem corresponder na gramática das crianças a um complemento funcionalmente completo, nomeadamente um CP com omissão de um argumento, que poderá corresponder, como na gramática do adulto, a um PRO arbitrário na posição de sujeito (25).

(25) [CP PRO_{arb} V]

Assim, sugerimos que elevação para objeto não é a estrutura preferida pelas crianças quando há uma alternativa que corresponde a um complemento funcionalmente completo, nomeadamente orações de infinitivo flexionado em português europeu. Esta hipótese é compatível com a análise apresentada por Landau & Thornton (2011) para o percurso de desenvolvimento das estruturas com o verbo *want* em inglês, embora se distinga dessa análise de forma relevante: enquanto Landau & Thornton (2011) sugerem uma dificuldade inicial em projetar complementos que não correspondam a CP (i.e. estruturas de alguma forma truncadas), a hipótese que aqui desenvolvemos centra-se antes na não defetividade dos traços de TP ou CP e na possibilidade de legitimar um sujeito interno ao complemento.

Esta hipótese poderá ser explorada de forma interessante na observação dos resultados da condição 2. No caso dos verbos percetivos, a escassa produção de elevação para objeto contrasta com elevada frequência de produção de PIC, uma oração pequena em que se observa controlo (do sujeito do predicado pelo sujeito da oração pequena) (veja-se Barbosa & Cochofel, 2005) e provavelmente verdadeiro ECM, mas não elevação para objeto. Implicando ECM, PIC pode não corresponder ao que aqui definimos como um complemento funcionalmente completo. No entanto, dois factos devem ser considerados: (i) as estruturas de PIC sobrevivem em contextos raiz (26), no que terá necessariamente de ser um domínio funcionalmente completo; (ii) exceto no caso de uma criança, não há evidência de produção de pronomes acusativos como sujeito de PIC, pelo contrário, os pronomes produzidos nesse contexto apresentam caso nominativo (27).

(26) Olha! Os pais / eles a saltar(em) à corda.

(27) (A zebra) viu *eles* a dançar. (4;05.12)

Assim, sugerimos que, pelo menos na gramática das crianças, a oração pequena com uma estrutura de PIC em posição de complemento de um verbo percetivo possa ser um complemento funcionalmente completo, em que o DP sujeito verifica internamente os traços-*phi* e casuais.⁴

⁴ Do ponto de vista da compreensão, Costa, Fernandes, Vaz & Grillo (no prelo) mostram que PIC não é problemática na aquisição, tendo as crianças testadas um desempenho nesta construção próximo do que acontece em orações relativas. Esta semelhança de

Passemos agora à discussão dos resultados obtidos na condição de controlo de objeto. Os resultados obtidos nesta condição mostram que as crianças produzem estruturas de controlo de objeto, mas não ao nível dos adultos. Podemos resumir da seguinte forma os resultados mais relevantes: (i) escassa produção de controlo de objeto, sobretudo entre os grupos mais novos; (ii) omissão de argumentos entre os grupos mais novos; (iii) produção de orações de infinitivo flexionado, agramaticais de acordo com a gramática-alvo. Estes três factos, tomados em conjunto, permitem-nos sugerir que as crianças começam por assumir que os verbos de controlo de objeto selecionam apenas um único argumento interno, proposicional. Esta hipótese explicaria a produção de estruturas como (24), em que o que corresponde na gramática-alvo ao DP argumento interno e o que corresponde ao argumento interno proposicional funcionam como um único argumento (que funciona também como um complemento funcionalmente completo). Esta proposta está de acordo com a sugestão de Kirby (2011), segundo a qual as crianças preferem estruturas com menor número de papéis temáticos. Embora os verbos de controlo de objeto selecionem um argumento oracional que corresponde a um complemento funcionalmente completo (o que está de acordo com as preferências das crianças), este tipo de verbos seleciona também um outro argumento interno, o que será problemático para as crianças. Apoiadas nos dados que aqui descrevemos, sugerimos que, nos casos em que são projetados dois argumentos internos, tendo um deles um conteúdo proposicional, as crianças preferem mapear a frase atribuindo-lhe uma estrutura com um único argumento, proposicional – “Single Argument Selection Hypothesis” (SASH) (Santos, Gonçalves & Hyams, em prep.). Neste sentido, as crianças tomarão inicialmente a estrutura argumental de verbos de controlo de objeto como equivalente à estrutura argumental de verbos causativos ou perceptivos.

Na verdade, tendo em conta quer a hipótese de preferência inicial por complementos funcionalmente completos, quer a hipótese de preferência inicial por um único argumento interno proposicional, explicamos a emergência precoce de infinitivo flexionado em contextos alvo de complementos de perceptivos e causativos e contextos não alvo de complementos de verbos de controlo de objeto: uma oração de infinitivo flexionado é um complemento funcionalmente completo, no que contrasta com estruturas de elevação para objeto, e, permitindo o infinitivo flexionado a legitimação de um sujeito, permite a análise (não alvo) da sequência DP VP no complemento de um verbo de controlo de objeto como um único argumento.

6. Conclusão

Os dados aqui apresentados sugerem que as crianças em idade pré-escolar produzem verbos de elevação para objeto, embora geralmente não em estruturas de elevação para objeto. Os resultados da tarefa de produção provocada sugerem que as crianças evitam elevação para objeto quando há uma alternativa que corresponde a um complemento funcionalmente completo (nomeadamente, orações de infinitivo flexionado em português europeu). Por outro lado, os mesmos dados sugerem que os verbos de controlo de objeto podem ser inicialmente analisados como verbos que selecionam um único argumento interno, o que resulta na produção de complementos de infinitivo flexionado desviantes face à gramática-alvo.

Referências

- Barbosa, Pilar e Fátima Cochofel (2005) A construção de infinitivo preposicionado em PE. In Inês Duarte e Isabel Leiria (orgs.) *Actas do XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, pp. 387-400.
- Becker, Misha (2005) Raising, control and the subset principle. In John Alderete et al. (orgs.) *Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 52-60.
- Becker, Misha (2006) There began to be a learnability puzzle. *Linguistic Inquiry* 37, pp. 441-456.
- Borer, Hagit e Ken Wexler (1987) The maturation of syntax. In Thomas Roeper e Edwin Williams (orgs.), *Parameter setting*. Reidel: Dordrecht, pp. 123-172.

desempenhos em PIC e em relativas poderá constituir um argumento adicional a favor da ideia de que PIC possa ser um complemento funcional completo.

- Chomsky, Carol (1969) *The acquisition of syntax in children from 5 to 10*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam (2008) On Phases. In Robert Freidin, Carlos P. Otero e Maria-Luisa Zubizarreta (orgs.) *Foundational Issues in Linguistic Theory*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 133-166.
- Costa, João, Stefanie Vaz, Bruno Fernandes & Nino Grillo (no prelo) The acquisition of Prepositional Infinitive Constructions in European Portuguese. *Probus*.
- Duarte, Inês (1993) Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em Português Europeu. In *Actas do VIII Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 145-158.
- Gonçalves, Anabela (1999) *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Anabela (2002) The causee in the *faire-Inf* construction of Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 1, pp. 197-214
- Gonçalves, Anabela e Inês Duarte (2002) Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em Português Europeu e em Português Brasileiro. In Anabela Gonçalves e Clara Nunes Correia (orgs.), *Actas do XVII Encontro da APL*. Lisboa: APL, 161-173.
- Gonçalves, Anabela, Ana Lúcia Santos e Inês Duarte (in press) (Pseudo-) Inflected infinitives and Control as Agree. In *Selected Proceedings of Going Romance 2012*. Amsterdam: John Benjamins.
- Hirsch, Cristopher e Ken Wexler (2007) The late acquisition of raising: What children seem to think about seem in: William Davies e Stanley Dubinsky (orgs.) *New Horizons in the Analysis of Control and Raising*. New York: Springer, pp. 35-70.
- Hirsch, Cristopher, Robyn Orfitelli, e Ken Wexler (2008) The acquisition of raising reconsidered. In Anna Gavarró e M. João Freitas (org.) *Proceedings of the Conference on Generative Approaches to Language Acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge Scholars Press, pp. 253-262.
- Kirby, Susannah (2011) Move over, control freaks: Syntactic raising as a cognitive default. In Nick Denis, Kate Mesh e Hyunsuk Sung (orgs.) *BUCLD 35 Online Proceedings Supplement*.
- Landau, Idan e Rosalind Thornton (2011) Early child control. *Lingua* 121, pp. 920-941.
- Lasnik, Howard e Mamoru Saito (1991) On the subject of infinitives. In Lise M. Dobrin, Lynn Nichols e Rosa R. Rodriguez (orgs.) *Papers from the 27th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: Chicago Linguistic Society, University of Chicago, pp. 324-343.
- McDaniel, Dana, Helen S. Cairns, and Jennifer R. Hsu (1991) Control principles in the grammars of young children. *Language Acquisition* 1, pp. 297-335.
- Orfitelli, Robyn (2012a) 'Experiencing' a slight delay: Intervening arguments and the acquisition of subject-to-subject raising. In Alia K. Biller et al. (orgs.) *Proceedings of the 36th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 374-386.
- Orfitelli, Robyn (2012b) *Argument intervention in the acquisition of A-movement*, PhD Dissertation, UCLA.
- Postal, Paul (1974) *On raising*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Polinsky, Maria (2013) Raising and control. In Marcel den Dikken (org.) *The Cambridge Handbook of Generative Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 577-606.
- Raposo, Eduardo (1981) *A construção União-de-Orações na Gramática do Português*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Raposo, Eduardo (1989) Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In Osvaldo Jaeggli e Kenneth Safir (orgs.) *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, pp. 277-305.
- Rosenbaum, Peter (1967) *The grammar of English predicate complement constructions*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Santos, A. L., A. Gonçalves & N. Hyams (em prep.) Aspects of the acquisition of object control and ECM-type verbs in European Portuguese. Ms. Universidade de Lisboa.